

personagem

JORNALISTA RUY CASTRO CONTA A EXPERIÊNCIA DE ESCREVER DURANTE O TRATAMENTO CONTRA UM CÂNCER NA BOCA

‘A única maneira de enfrentar a morte é com a vida’

Entre 2001 e 2004, o escritor e jornalista Ruy Castro dedicou-se quase que integralmente à sua pesquisa para a biografia da cantora luso-brasileira Carmen Miranda. Nesse período, ele mergulhou no universo da Pequena Notável: fez mais de mil entrevistas com pessoas que conheceram pessoalmente a artista, pesquisou em sebos e arquivos, leu análises dos discos e filmes da artista e até empreendeu uma visita à terra natal de Carmen, Várzea da Ovelha, próxima à cidade do Porto, em Portugal. Em janeiro de 2005, com tudo pronto para começar a escrever o livro, o autor deparou-se com uma reviravolta: o diagnóstico de um tumor na base da língua.

“Confesso que minha primeira reação ao receber a notícia foi dar um muxoxo e dizer para o cirurgião e para minha mulher: ‘Droga, vou atrasar o livro.’ Naturalmente, bastou refletir um pouco sobre minha própria trajetória – fumei de 1967 a 2005, abusei do álcool entre 1968 e 1988 e fui um grande boêmio – para me convencer de que eu era um candidato natural àquela situação”, recorda. “Concluí que o jeito era seguir em frente e tentar o tratamento com o mesmo empenho com que eu vivera até então”, completa.

Escrever o livro foi parte fundamental no processo de recuperação de Castro. Na época do lançamento, em novembro de 2005, o escritor, nascido em Caratinga (MG), mas que adotou o Rio de Janeiro como sua terra, fez declarações à imprensa atribuindo a Carmen a “salvação de sua vida”. “Eu não podia passar vergonha diante da mulher fabulosa que ela era – tinha de trabalhar na sua

biografia, custasse o que custasse. Todo fim de tarde, antes das aplicações de radioterapia, eu levava comigo material para trabalhar na sala de espera – um capítulo para corrigir, anotações para checar etc.”,

lembra. “E, semanalmente, aproveitava as três horas que passava na quimioterapia também para rever o material ou mesmo escrever trechos inteiros. Às vezes, a quimioterapia me dava uma cansa e eu dormia, mas o material nunca caiu das minhas mãos”, revela o autor, que recebeu o Prêmio Jabuti em 2006 por *Carmen – Uma Biografia*, na categoria Livro de Não Ficção do Ano.

O jornalista reconhece que sua preocupação maior com a obra nos momentos imediatamente após o diagnóstico deveu-se ao desconhecimento da dimensão do desafio que estava por vir. “À medida que o tratamento avançava, pude ver quão duro é passar por 33 aplicações de radioterapia e 24 horas de quimioterapia. A consciência da dificuldade também aumentou e passei pelas mesmas angústias que experimenta todo



Foto: Assessoria Companhia das Letras.



Foto: Bel Pedrosa/
Assessoria Companhia das Letras.

mundo nessa mesma situação, a ponto de perguntar: ‘Por que eu?’ ou ‘O que eu fiz para merecer isso?’ Foram uns três meses de intenso sacrifício”, relata. “Mas o próprio tratamento me tornou mais resistente e corajoso. Quando chegou o momento da cirurgia, eu já estava pronto para ela.”

O câncer de boca é o quinto mais incidente entre os homens brasileiros com mais de 40 anos. Associada principalmente ao tabagismo, combinado à ingestão de bebidas alcoólicas e à má alimentação, a doença deve atingir aproximadamente 14,2 mil brasileiros em 2012, sendo dois terços homens, de acordo com estimativas do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA).

“Parei de fumar no mesmo dia em que recebi o diagnóstico e nunca recaí. E foi tranquilo: apenas tive que decidir fazer isso e aguentar o tranco da síndrome de abstinência pelos primeiros dias. Gosto de pensar que, assim como exerci minha liberdade de fumar durante 38 anos, passei apenas a exercer, desde então, a minha liberdade de não fumar”, afirma Ruy Castro. “Aliás, não devo esquecer que o cigarro não foi o único responsável pela minha doença – a bebida também contribuiu, embora eu, como alcoólatra, já tivesse parado completamente de beber desde 1988. As pessoas tendem a demonizar apenas o cigarro, esquecendo-se das bebidas alcoólicas”, pondera.

SEM INTERROMPER O COTIDIANO

Além das mais de 500 páginas da biografia de Carmen Miranda concluídas durante o tratamento, Ruy Castro conta que o apoio da esposa, a também escritora Heloisa Seixas, das filhas e de amigos mais próximos foi fundamental. Ele afirma que tentou manter os amigos de fora o maior tempo que pôde, por temer que, com tanta gente lhe “dando uma força”, acabasse sem tempo para concluir a biografia. No livro *Álbum de Retratos*, Heloisa escreve que, apesar de debilitado pelos efeitos colaterais –, o escritor chegou a perder 12 quilos –, Castro não deixou de trabalhar horas e horas por dia em seu projeto e chegava a fazer piada com a doença.

O escritor, que sempre falou abertamente sobre o período em que enfrentou o câncer, acredita que o mais importante é não se abalar frente às dificuldades e não interromper seu cotidiano. “Hoje meus projetos incluem continuar trabalhando, aprendendo e me divertindo, além de fazer todos os exames a que tenho direito. Devo ser hoje um dos sujeitos mais examinados do Brasil”, afirma, rindo. “A única maneira de enfrentar a morte é com a vida. Nesse sentido, pelo menos para mim, o negócio é ignorar a doença e se dedicar completamente ao tratamento”, recomenda. |